

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N. 11

ANO 11
NOVEMBRO. 2019
MACEIÓ. AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

VICE-PRESIDENTE

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

TESOUREIRO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

SECRETÁRIA

Maria Edna de Melo Silva

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

**COORDENADOR DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Fernando Barbosa de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Fernando Barbosa de Almeida

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Socorro Tenório

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão

estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

SUMÁRIO

5

APRESENTAÇÃO

Nádima Carvalho

7

A PSICANÁLISE E O FEMININO**ESCUTANDO E DANDO VOZ AO SOFRIMENTO DAS MULHERES**

Nadia Regina Loureiro de Barros Lima

17

METÁFORA DO ESPELHO E SUBJETIVIDADE: CONSIDERAÇÕES ENTRE JACQUES LACAN E D. WINNICOTTMaria Edna de Melo Silva
Maria do Socorro Tenório Neto Cavalcante Alves

26

ANOREXIA E SINTOMA NA PSICANÁLISE

Kyssia Marcelle Calheiros Santos

33

O PAI EM WINNICOTT: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A FAMÍLIA NA ATUALIDADE

Heliane de Almeida Lins Leitão

44

SUJEITO DO DESEJO: SER DO TEMPO, FEITO DE SENTIDO

Esperidião Barbosa Neto

APRESENTAÇÃO

Este ano, o GPAL vai lançar o 11º número da revista **TÓPICA**, que mais uma vez ocorrerá na Bienal Internacional do Livro de Alagoas, na sua 9ª edição, em 06 de novembro de 2019, no bairro histórico do Jaraguá.

Desse modo, a revista **TÓPICA** vem se inscrever novamente no campo do saber psicanalítico, possibilitando a reedição da experiência freudiana e lhe conferindo uma atualidade ampla e enriquecedora, consolidando seu reconhecimento e inserção na comunidade científica.

A sociedade atual pouco tem a ver com a Psicanálise Freudiana do século XIX. Mais de cem anos nos separam do momento da emergência da Psicanálise e que, de modo algum, pode ser comparado a Viena de 1900.

As novas formas de sofrimento desenharam um quadro onde o corpo se torna a expressão de todos os males. Está cada vez mais difícil construir um sentido para a vida. Uma multiplicidade de apelos e experiências transitórias banalizaram o mundo interior, impossibilitando, através da ela-

boração psíquica, a superação das dificuldades e traumas.

Nessa perspectiva, temos uma revista aberta ao novo, mostrando um movimento plural que tanto traz Freud, Lacan, Winnicott, como também outros autores contemporâneos, não deixando de ser fiel à Psicanálise na sua essência.

Os textos reunidos nesta edição instigam refletir sobre os impasses atuais, confrontando com os desafios da escuta das novas formas de subjetivação.

A prática da Psicanálise, não somente na clínica, tem um sentido mais amplo, positivando os mais diversos modos de existência, acolhendo e compreendendo o sofrimento em toda sua diversidade.

Isso nos sustenta na vontade e desejo do estudo e da pesquisa, mesmo sabendo das incertezas, perdendo-nos e nos encontrando;

porém, sempre colhendo os frutos da nossa caminhada.

A **TÓPICA** é “Poesia de uma Festa de Colheita” como escreveu o Psicanalista (*in memoriam*) Zeferino Rocha que foi incentivador desse nosso percurso.

A revista **TÓPICA** continua mostrando que a escuta e a produção são partes fundamentais da atividade de um analista.

Que nossa caminhada continue e que os frutos dessa colheita sejam abundantes e nos permitam navegar por este “Novo Mundo”!

Nádima Carvalho

Presidente do GPAL

A PSICANÁLISE E O FEMININO

ESCUTANDO E DANDO VOZ AO SOFRIMENTO DAS MULHERES¹

NADIA REGINA LOUREIRO DE BARROS LIMA

Psicóloga (UFAL), Psicanalista GPAL (licenciada), Mestra em Sociologia (UFPE),
Doutora em Psicologia (Universidade do Minho, Portugal), Doutora em Linguística
(UFAL), membro do NTMC/UFAL e da REDOR.

RESUMO

Esse artigo propõe situar o olhar da Psicanálise, particularmente o de seu criador, em relação ao feminino. Contextualizando a Viena de Freud – sociedade tradicional e repressora – e a Histeria, sintoma dessa sociedade e palco adequado para o surgimento da Psicanálise, discute-se a psicosexualidade e a natureza mental do inconsciente, sob o olhar

psicanalítico. Aborda-se a presença da tradição e o avanço na Psicanálise e de como, enquanto espaço de fala, escutou e deu voz ao sofrimento das mulheres, contribuindo para que estas saíssem da condição de objeto e passassem a sujeito do discurso.

¹ _____
Parte deste trabalho foi apresentada no 5º EMFLOR/Universidade Federal da Amazônia, 2017.

A VIENA DE FREUD: CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA PSICANÁLISE

Todos os clichês referentes às mulheres encontram-se nos diálogos e letras das árias de operetas que são cantaroladas por toda parte; [...] as mulheres são frívolas, infiéis [...]. As heroínas das operetas famosas [...] em nada se assemelham às vienenses de carne e osso. (BERTIN, 1990, pp: 50-51).

VIENA, CAPITAL DO IMPÉRIO E CENTRO CULTURAL EUROPEU

Apreender como a Psicanálise surgiu – novo campo do saber – implica situar o contexto histórico europeu em fins do século XIX, por ocasião de sua emergência. O palco específico onde emergiu foi Viena, capital do Império Austro-Húngaro e centro cultural europeu, onde proliferava a indústria do entretenimento, sendo caracterizada como a capital da ópera, da dança, da valsa, que era, como afirma Mezan (2006, p. 38), uma “dança burguesa, a princípio considerada escandalosa [...] inebriante, romântica[...]”.

Nesse cenário social vienense, chamava atenção um significativo contraste: por um lado, a moralidade sufocante da família burguesa, e, por outro, a licenciosidade nas ruas. Daí derivava uma constante ameaça que rondava a mente dos jovens: as doenças venéreas, conforme afirma Zweig (1943, p. 77):

Malgrado todos os meus esforços, não consigo recordar nem um companheiro da minha juventude que não tenha vindo até mim com uma aparência pálida e preocupada, um porque tinha ou temia a doença (venérea) [...]. Os jovens daqueles tempos pretensamente morais eram muito mais românticos e muito mais imorais [...] deprimidos [...].

O que predominava, portanto, era um cenário de desejo sexual recalçado, que se refletia nas mentes das pessoas, conforme se constatou na futura clientela do emergente novo campo do saber, que iria escutá-la, particularmente as mulheres, para quem era dirigido o maior peso do recalçamento sexual.

HISTERIA, SINTOMA DE UMA SOCIEDADE REPRESSORA E DECADENTE

[...] a servidão em que vivem as vienenses cria um terreno particularmente favorável ao desenvolvimento das neuroses. Não é por acaso que os suicídios ocorrem em tão grande número na capital da Áustria-Hungria. (BERTIN, 1990, p. 91).

Se a repressão e o recalçamento estavam presentes como um traço social comum à população vienense, este se destacava de modo marcante em relação às mulheres que, recolhidas no espaço privado do lar, não tinham voz, direitos, nem oportunidade de participar do espaço público. Nessa condição, eram dominadas pelo sofrimento, pela tristeza, e muitas eram levadas à loucura. Muito compreensível, portanto, que considerando a histeria como sintoma de uma sociedade repressora e decadente, Viena haja sido o palco adequado para o surgimento da Psicanálise.

Esse quadro de sofrimento e loucura em Viena era de tal forma gritante que a imperatriz Elizabeth/Sissi – aclamada na época como a mulher mais bela da Europa – presenteou Viena com um manicômio: uma homenagem de Viena à loucura. Atualmente reconhecida como histérica, narcisista e anoréxica, Elizabeth/Sissi era fascinada pela loucura e, conforme Bettelheim (1991,p.8), exaltava a morte e a loucura em comentários do tipo “A ideia da morte purifica”, “A loucura é mais real que a vida”.

Apesar desse quadro desfavorável, algumas mulheres tiveram notório destaque, como Berthas von Suttner, primeira mulher a receber o Prêmio Nobel da Paz, em 1905. Mais tarde, já influenciadas pela Psicanálise, destacaram-se, entre outras, Marie Bonaparte, Lou Andreas-Salomé, “Anna O.” (Bertha Pappenheim). A regra social predominante era

a exclusão das mulheres em toda a esfera pública. A Educação, por exemplo, destinava-se apenas aos homens, e as mulheres, no máximo, seriam professoras primárias.

Em 1919, no final da I Guerra Mundial, as mulheres adquiriram o direito de estudar em ginásios, junto com os homens, e tiveram acesso à Faculdade de Direito e Ciências Políticas. Os homens, por sua vez, não queriam casar com mulheres instruídas em cursos superiores. Restava para elas o receio de seguirem uma vida profissional e permanecerem sem marido.

PSICANÁLISE E INCONSCIENTE: A SEXUALIDADE E AS PERTURBAÇÕES NEURÓTICAS

O SIGNIFICADO DA SEXUALIDADE: PSICANÁLISE E PSICOSSEXUALIDADE

Entre os conceitos-chave que fundamentam o edifício teórico da Psicanálise, destacam-se os de sexualidade e inconsciente. Em relação à sexualidade, seu sentido foi recontextualizado pelo discurso psicanalítico, à medida que parte da ideia de que o trabalho psíquico se alimenta

da energia sexual e, em decorrência disso, a origem do desejo sexual é psíquica.

Como herdeira do pensamento científico do século XIX – razão/pensamento (homens) e natureza/corpo (mulheres) –, a visão de Freud vai ser influenciada por tal pressuposto. Ao mesmo tempo, em relação ao campo da ciência médica, a Psicanálise como um novo campo do saber choca a sociedade médica vienense quando afirma que a histeria pode ser masculina e teoriza sobre a sexualidade infantil.

Com a Psicanálise, aconteceu a desnaturalização do sexo e dos processos de sexuação humana, mostrando que o desejo sexual se origina da nossa inclusão na cultura, através da linguagem, que nos separa do objeto do prazer primordial. O sexo biológico é insuficiente para determinar se nos identificamos como mulher ou homem, visto que a identidade se constrói a partir dos lugares que ocupamos no desejo de nossos pais e de nossas mães. Cada criança se estrutura ao atravessar o Complexo de Édipo. Em suma, a pulsão difere do instinto animal.

A NATUREZA DA VIDA MENTAL INCONSCIENTE E AS LEIS QUE GOVERNAM SEU FUNCIONAMENTO

Se, em linhas gerais, a sexualidade humana é recontextualizada pela Psicanálise, o que dizer em relação ao inconsciente?

É através das manifestações da vida mental inconsciente – sonhos (via régia para o inconsciente), atos falhos, chistes, sintomas, lapsos de fala e escuta... – inscritos na linguagem do inconsciente, que este pode ser reconhecido no seu sentido subjetivo. Ao sistematizar essas manifestações, Freud permitiu o acesso ao conhecimento objetivo e, após postular a sua existência, buscou determinar como funcionava.

De modo diferente dos poetas – a quem Freud sempre admirou e afirmava que vieram antes –, precisava ele conhecer as leis do inconsciente (que denominou de processo primário), sua coerência interna, o processo de transformação, decifrando essas leis a que o pensamento está submetido, conforme explicita Mitchel (1979, p.29), quando afirma que o que interessa nesse campo de saber “é o recalçamento dos pensamentos inconscientes e sua transformação em pensamentos “normais”, e que eles estão sempre lá, falando conosco, a seu modo”.

No caso da histeria, seus sintomas somáticos (paralisias, convulsões, etc.) eram expressões físicas de ideias mentais, representação alter-

nativa de um desejo interdito que surgiu do inconsciente, de onde foi banido.

Nesse momento histórico (1880, 1890), a Psicanálise dava seus primeiros passos, escutando as falas de mulheres adultas, que remetiam para a infância dessas meninas. O que se expressava, numa outra linguagem, era o desejo sexual recalcado, que alguma crise evocou/reevocou. No inconsciente psicanalítico, em suma, o que se destaca é a simbolização como inscrição na linguagem, e não o fato em si; apreender como funcionam os pensamentos, o recalque e liberação do recalque imposto.

A PSICANÁLISE E O FEMININO: ESCUTANDO E DANDO VOZ AO SOFRIMENTO DAS MULHERES

A Psicanálise deu voz ao sofrimento das mulheres, trazendo à luz a infelicidade sexual e existencial das mulheres oitocentistas e contribuindo para demolir a convicção burguesa de que, conquistando um casamento, filhos e a segurança de um lar, uma mulher não teria nada mais a querer na vida. (KEHL, 2001, p.14).

FREUD, A PSICANÁLISE E AS FEMINISTAS: TRADIÇÃO E AVANÇO.

A postura de Freud em relação ao feminismo e às mulheres traz marcas paradoxais, pois, como lembra Mitchel (1979), se, por um

lado, se interessava pelas reivindicações feministas e emancipatórias – concordava, por exemplo, que a severidade da moral sexual as levava a protestar e que muitas das reivindicações eram justas e deveriam ser respondidas –, por outro, discordava de pontos cruciais à mudança e do princípio básico do movimento: a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Foi nesse sentido que se opôs ao pensamento de John Stuart Mill, que considerava idealista e utópico, cujo “Ensaio sobre a opressão das mulheres” traduziu para o alemão em 1880. Em carta endereçada à sua noiva Martha, em novembro de 1883, faz referência a essa discordância; embora reconhecendo ter sido Mill o homem, em todo o século, em melhores condições para livrar-se do domínio dos preconceitos existentes, afirma Freud que lhe falta o senso do absurdo em vários aspectos, como, por exemplo, defender que “as mulheres podem ganhar tanto quanto os homens” (GAY, 1989, p. 52). Continua Gay (1989, p. 52), comentando a carta de Freud:

Qualquer moça, mesmo sem direito de voto nem competência jurídica, cuja mão um homem beija e por cujo amor ele tudo ousa, tê-lo-ia corrigido. [...] pensar em Martha Bernays, sua “meiga e querida garota”, como uma concorrente parecia a Freud uma pura estupidez. [...]. Afinal, concluía ele, a “natureza” destinou a mulher “através da beleza, do encanto e da doçura, a algo mais”. Ninguém poderia imaginar, a partir desse manifesto impecavelmente conservador, que Freud estava em vias de elaborar as teorias mais subversivas, perturbadoras e pouco convencionais sobre a natureza e o comportamento humanos.

Especificamente em relação às mulheres, explicitava sua condição relacionada à natureza e, por isso, argumentava que “A exigência feminista de direitos iguais para os sexos não nos leva muito longe, pois a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico. ‘A anatomia é o destino’ [...]” (FREUD, 1924, p.222). Outro aspecto de sua posição sobre as mulheres dizia respeito a “poucas contribuições para as descobertas e invenções da história da civilização: no entanto, há uma técnica que podem ter inventado – trançar e tecer [...]” (FREUD, 1933, p.162).

A natureza também se acha presente quando afirma que muitas mulheres neuróticas passam na sua infância por uma fase em que “invejam nos irmãos o seu símbolo de masculinidade e se sentem em desvantagem e hu-

milhadas [...]. A ‘inveja do pênis’ está claramente indicada nas lutas e na produção literária das mulheres ‘emancipadas’” (FREUD, 1918, p.190). Do ponto de vista da sexualidade, afirmava que “a vida sexual das mulheres adultas é um ‘continente negro’ para a Psicologia” (FREUD, 1926, p. 242).

Freud tinha, pois, uma postura paradoxal: enquanto homem, assumia-se como tradicional e se percebia antiquado; como cientista, desconhecia a dimensão revolucionária de sua invenção para a humanidade – “a disseminação da peste”, nas palavras dele –, inaugurando um novo campo de saber, particularmente em relação às mulheres, enquanto escutava e dava voz às histéricas.

Nas reuniões que mantinha com as feministas, dirigia-se a elas caracterizando-as como exceções à regra das demais mulheres; dizia-lhes que “Isto não se aplica às senhoras. As senhoras são a exceção; nesse ponto, são mais masculinas do que femininas” (FREUD, 1933/1932, p.144). Essa postura de Freud em relação ao feminino é reconhecida por psicanalistas como Roith (1987) e Gay (1999); este afirma que, nos últimos anos de vida, Freud escre-

veu três artigos sobre a sexualidade feminina que “foram bastante criticados, tanto pelas feministas quanto pelos adeptos da Psicanálise [...]. As críticas feitas a Freud neste particular são corretas” (1999).

PSICANÁLISE, EMANCIPAÇÃO HUMANA E DESLOCAMENTO DO FEMININO

Na história da humanidade, a presença das mulheres é marcada pela opressão e invisibilidade. Entre os vários instrumentos de mudança dessa condição, a Psicanálise vem contribuindo para o processo de transformação. Desde seus primórdios, portanto, esse novo campo do saber tem aberto espaço para a fala das mulheres que, com rebeldia, conseguiram conquistar um espaço em Viena, como também contribuíram para a criação desse novo campo do saber; nesse sentido, são copartícipes do processo criativo da Psicanálise, inclusive com a sua nomeação: foi “Anna O.” (Bertha Pappenheim) que batizou esse método com o nome de “talking cure” e, após o desaparecimento de seus sintomas histéricos, tornou-se assistente social e participou ativamente do movimento pelos direitos das mulheres. A senhora Emmy por sua vez, disse a Freud que se calasse e a deixasse falar: Freud reconheceu que a escuta seria mais importante para a cura do que as perguntas do médico.

O que aconteceu nesse momento histórico a partir do século XX foi um processo de deslocamento da posição das mulheres, processo esse que contou com a contribuição da Psicanálise; isso, porém, não significa afirmar que Freud haja compreendido plenamente as mulheres que escutou, até porque no final de sua vida, após toda uma obra construída e um campo de saber consolidado, viria a questionar “o que quer uma mulher?”.

No entanto, a técnica da escuta inaugurada, ao privilegiar o uso da fala, veio a produzir efeitos no lugar ocupado pelas mulheres na sociedade, como bem ilustra o título de uma das obras de Emilce Dio Bleichmar, “O feminismo espontâneo da histeria” (1988). Assim sendo, tornam-se produtoras de um discurso – Diários, Memórias, Romances... – e de uma “identidade feminina” que diferia daquele ideal feminino esperado pelo discurso de autoridade da época, representado por figuras masculinas: filósofos, religiosos, médicos, entre outras.

Portanto, a partir desse deslocamento do feminino, pela possibilidade da fala conquistada graças ao dispositivo do “talking cure”, a mu-

dança na vida das mulheres aconteceu. Nesse processo de passagem, Freud – apesar de suas limitações de homem tradicional – veio a contribuir, com a Psicanálise escutando e dando voz ao sofrimento das mulheres. É nesse sentido que Kehl aponta para a transformação subjetiva e histórica, explicitando o caminho da possibilidade de mudança,

[...] conquistando o falo da fala, preparando o caminho para nossa própria existência, criando a possibilidade de inscrever no inconsciente da espécie, nem que seja daqui a duzentos anos, os signos da nossa subjetividade.

(KEHL, 1996. p. 65).

REFERÊNCIAS

- BERTIN, Célia. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas (SP): Papyrus, 1990.
- BETTHELHEIM, Bruno. *A Viena de Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- DIO BLEICHMAR, Emilce. *O feminismo espontâneo da histeria: estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- FREUD, Sigmund (1918[1917]). *O tabu da virgindade*. Rio de Janeiro: Imago, v. XI, 1988.
- FREUD, Sigmund (1923-1925). *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1976.
- FREUD, Sigmund (1926). *A questão da análise leiga*. Ibidem, v. XX, 1969.
- FREUD, Sigmund (1933/1932). *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise XXXIII Feminilidade*. v. XXII, 1969.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GAY, Peter. Longa vida, Freud. [Entrevista concedida a] Tânia Menai. 19 mai. 1999. Disponível em: www.taniamenai.com.
- KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KEHL, Maria Rita. Apresentação. In: LIMA, Nadia R.L.de B. (org.). *O feminino na psicanálise*. Maceió: Edufal, 2001.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LIMA, Nadia, R. L. de B. *O Feminino na Psicanálise (org.)*. Maceió: Edufal, 2001.

MEZAN, Renat. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MILL, John Stuart (1869). *A Sujeição das Mulheres*. São Paulo: Editora Escala, 2006.

MITCHEL, Juliet. *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

ROITH, Estelle. *O enigma de Freud (influências judaicas em sua teoria sobre a Sexualidade Feminina)*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

ZWEIG, Stefan. *O Mundo de Ontem*. Cassel: 1943. In: MITCHEL, Juliet. *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

METÁFORA DO ESPELHO E SUBJETIVIDADE: CONSIDERAÇÕES ENTRE JACQUES LACAN E D. WINNICOTT¹

“Todos os tipos de coisas neste mundo se comportam como espelhos”.

LACAN

MARIA EDNA DE MELO SILVA

Psicóloga clínica (CESMAC), Psicanalista do GPAL.

MARIA DO SOCORRO TENÓRIO
NETO CAVALCANTE ALVES

Psicóloga clínica (CESMAC), Psicanalista do GPAL.

RESUMO

O espelho, metáfora das mais antigas, que remonta à mitologia grega, desde a filosofia, literatura, arte, às concepções psicanalíticas; tendo nesta, uma função indissociável do olhar. O enfoque central deste artigo versará sobre a metáfora do espelho, a partir dos pressupostos de dois teóricos da psicanálise: Jacques Lacan e D. Winnicott. Na obra de Lacan, já o encontramos, desde o início da construção de seus estudos, o texto, datado de 1949, “O estágio do espelho como formador da função do eu”. No que concerne

a D. Winnicott, este se inspirou no artigo de Lacan e escreveu, em 1967, “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”. O referido trabalho exprime algumas reflexões entre diferenças e aproximações, entre as duas abordagens, com o escopo de ampliar e enriquecer a compreensão desta metáfora, resultante do encontro desses dois grandes teóricos da psicanálise para a prática analítica.

1 _____

Trabalho apresentado na XI Jornada do GPAL, em novembro / 2019.

O espelho é tão antigo como a história da humanidade. Muito antes de adquirir a forma científica de um vidro, com uma parte posterior recoberta por um amálgama, os primitivos miravam-se no espelho das cristalinas águas paradas e constituíam suas crendices e lendas, diante do misterioso fenômeno do refletido.

O espelho, com suas significações diversas, faz-se presente em várias áreas humanísticas: como na arte, na literatura, no folclore, na religião, na mitologia, nas ciências e, naturalmente, nas concepções psicanalíticas, sendo este último o enfoque deste trabalho. O espelho, na narrativa literária, destacamos, dois momentos produzidos por dois dos maiores escritores brasileiros *O espelho*, de Machado de Assis (1882), e *O Espelho*, de Guimarães Rosa (1962)

No conto de Machado de Assis, o jovem Alferes Jacobina vive a experiência aterradora de contemplar, num espelho, “*as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes*” (p.351). Já em Guimarães Rosa, um personagem anônimo reverbera o distante Alferes, da narrativa Machadiana, ao narrar para um suposto ouvinte, uma estranha experiência da juventude: “*Simplemente lhe digo que me olhei no espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vezes vácuo, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto?*” (p. 76). O conto de Guimarães Rosa apresenta um narrador que coloca sua experiência de forma intensa. O

narrador olha para o espelho e, inicialmente, não se reconhece, só depois percebe sua própria imagem. Com o reconhecimento, ele procura compreender-se. A leitura dos referidos contos destaca a importância das noções de espelho e de especularidade, tal como vamos encontrar na leitura das obras psicanalíticas de Winnicott e Lacan.

Sabemos que, efetivamente, a psicanálise é um produto da cultura e seu discurso se sustenta na intertextualidade que, durante mais de um século, ela soube manter com todas as disciplinas que constitui o campo do que Freud denominou “seus interesses”, onde incluímos hoje a teoria e a crítica literária, a linguística, a antropologia estrutural, a estética, a arte cinematográfica e a filosofia.

Seguindo a mesma linha freudiana da psicanálise, destacamos dois autores contemporâneos, Jacques Lacan e Winnicott, que foram sensíveis a esta interdiscursividade ampla, que concederam uma atenção especial ao processo da constituição subjetiva e seus efeitos, dentro da atividade clínica. Foram esses dois teóricos que se utilizaram da metáfora do espelho para falar deste

momento da constituição psíquica do sujeito, momento específico na constituição do eu e na construção da identidade. Entre diferenças e aproximações, o eu se constitui por intermédio de uma relação, sendo, em Lacan, articulando o olhar à imagem e o desejo do outro; em Winnicott, articulando também o olhar e o cuidado do outro.

A concepção do estágio do espelho em Lacan se deu a partir de dois momentos inaugurais: no primeiro momento, sua apresentação no congresso de Marienbad, em 1936, quando este esboça seu primeiro estudo sobre o estágio do espelho, a partir de suas pesquisas em várias áreas do conhecimento, e, inspirado no pensamento de Kojève na Fenomenologia do Espírito da obra de Hegel, que levou a elaborar sua concepção de sujeito e imaginário.

Em um segundo momento, 1949, Lacan apresenta, no congresso de Zurique, seu trabalho intitulado “Estádio do espelho como formador da função do eu”, dando ênfase ao espelho real com um sentido da imagem e o desejo do outro. Nele, o autor faz menção à elaboração da constituição do eu (je) a partir da observação e da metodologia da psicanálise, atribuindo à imagem um papel fundador na constituição do eu da matriz simbólica do sujeito. Definindo, assim, a identificação como a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem, momento em que a criança se encontra prematura em relação ao seu próprio domínio motor e fisiológi-

co insuficiente, que se antecipa em uma unidade, a partir da imagem do outro, ou seja, da imagem do corpo próprio, encontrada no espelho na qual vai se alienar virtualmente. Jacques Lacan define assim o Estádio do Espelho:

Basta compreender o estágio do espelho como uma Identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem [...]. A assunção jubilatória de sua imagem especular, por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem no estágio do infans, parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu (je) se precipita numa forma primordial, antes de objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito [...]. (LACAN, 1998, p. 97).

O estágio do espelho ordena-se essencialmente a partir de uma experiência, de uma identificação fundamental, durante a qual a criança faz a conquista da imagem do seu

próprio corpo. Este processo está dividido em três tempos: no primeiro tempo, o infans é a imagem do outro, tempo da indiferenciação, ou seja, ele ainda não faz a distinção entre si e o outro. No segundo momento, é a etapa que constitui a identificação; ele sabe que o outro no espelho é uma imagem refletida, ele começa a distinguir a imagem do outro e a realidade. No terceiro momento, o outro no espelho é ele, é o adulto que nomeia a geografia do corpo do bebê, ele se utiliza de uma imagem especular que é objeto de desejo do adulto (olhar, toque, voz e outros). Desta forma, ele troca a imagem que tinha de um corpo esfacelado por uma de um corpo unificado. Esta antecipação da unificação da imagem produz na criança a ilusão triunfante do domínio; porém, esta imagem é ilusória, mas necessária e gratificante.

Esta primeira visão do corpo inteiro no espelho desperta manifestações de júbilo na criança, que imediatamente olha para o adulto, a fim de encontrar no olhar do outro a confirmação do que vê no espelho. Essa imagem é construída com a ajuda das palavras da mãe, isto é, do simbólico e passa a admirar essa imagem como seu ideal. Sob o fascínio desta imagem onde o sujeito endossa o desejo e o discurso do Outro primordial (mãe), constituindo-se a princípio especularmente e bracejando doravante entre a alienação imaginária e a subjetivação simbólica, para daí, num esforço de separação, consentir existir

sobre si, a partir de si uma tarefa sem fim. Lacan busca nas concepções Hegeliana.

Foi em Hegel, que encontrei legitimamente a justificação desta operação de vel alienante. Do que se trata, nele? – economizemos nossos traços, trata-se de engendrar a primeira alienação, aquela pela qual o homem entra na via da escravidão. A liberdade ou a vida! Se ele escolhe a liberdade, pronto, ele perde as duas imediatamente – se ele escolhe a vida, tem a vida amputada pela liberdade. (LACAN, 1964, p. 207).

Segundo as noções trabalhadas na teoria lacaniana, em “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (LACAN, 1964/1985), a constituição do eu é estruturalmente determinada por operações de realização do sujeito, sendo o primeiro movimento a operação de alienação; e no segundo movimento, a separação. A alienação é entendida como o tempo em que a criança está totalmente sob os cuidados do outro para sobreviver, é nesse desamparo primordial, onde o bebê se encontra totalmente submetido ao desejo do Outro. A alienação vem demar-

car que nenhum falante existe sem a relação com o Outro e que o infans, inicialmente, sinta-se como objeto do desejo desse Outro, porém não pode permanecer aí, precisa sair desta condição.

Daí a necessidade da separação. Vem a tentativa do falante se separar, sair do lugar de objeto e assumir a condição de sujeito desejante. Portanto, faltoso, pois o Outro não é o mesmo da alienação, ele aparece barrado, também faltoso. Assim, o que está em jogo na separação é o recobrimento de duas faltas: a do sujeito e a do outro, ou seja, o encontro com a falta no Outro, com o desejo do Outro, abre ao sujeito a possibilidade de se identificar com esta falta e ocupar, inicialmente, o lugar do objeto da falta no Outro.

Podemos concluir que, em Lacan, a metáfora do espelho faz a mediação da relação inicial da criança com o mundo e os efeitos disso na subjetivação e alienação ao plano de desenvolvimento das potencialidades do bebê. Neste processo, é importante ressaltar que a simples presença do objeto-espelho não é suficiente, é necessário que o olhar do outro, enquanto função simbólica o nomeie e lhe atribua um lugar de sujeito, posicionando-o, a fim de possibilitar ao bebê ver-se e experimentar-se.

Para abordar a metáfora do espelho em Winnicott, faz-se necessário recorrer à teoria do Desenvolvimento Emocional Primitivo, espinha dorsal de toda a sua obra. Esta

teoria foi apresentada à Sociedade Psicanalítica Britânica, em 28 de novembro de 1945, sobre o tema “Desenvolvimento Emocional Primitivo”. Nesta ocasião, ele colocou que seria como um capítulo inicial de um livro e como sempre inexoravelmente Winnicott, criativo e não conformista.

Segundo Winnicott, o processo de amadurecimento do ser humano possui uma tendência inata, e, para que possa se constituir como indivíduo, conta com esse potencial inato em direção ao amadurecimento; porém, atribui ao ambiente externo, representado pelo cuidado materno, a responsabilidade para que esse desenvolvimento ocorra de forma saudável ou não. Durante o início de desenvolvimento, faz-se necessário destacar um princípio básico da teoria winnicottiana, quando teoriza sobre a importância dos cuidados da mãe suficientemente boa, e que esta proporcione ao bebê a ilusão onipotente, especialmente nas primeiras relações entre mãe e lactente. É primordial para o bebê viver um período de ilusão, de que o mundo é criado por ele, e que seja permitido a este uma relação viva

entre a condição inata e o ambiente suficientemente bom.

Inspirado pelo artigo de Lacan, sobre o Estádio do Espelho, Winnicott escreve o seu texto de 1967, O Papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil e, ao iniciar seu artigo, posiciona-se de forma contundente, “*No desenvolvimento individual o precursor do espelho, é o rosto da mãe. Lacan, porém, não pensa no espelho em termos do rosto da mãe, do modo como desejo fazer aqui*” (1975, p. 153). Isso remete que as necessidades psíquicas do ser humano são oferecidas pelo ambiente que, no início da vida do bebê, é sua mãe que está ocupada em oferecer condições para a sobrevivência e desenvolvimento do filho, é ela também que proporciona a aquisição da capacidade criativa do bebê.

A criança, ao nascer, está vivendo momento de não integração, sendo necessário um ambiente suficientemente bom para atender as necessidades iniciais da vida do bebê e que permita a continuidade do existir. Para tanto, é fundamental que nesta fase, a mãe esteja identificada com seu bebê. As particularidades do cuidado materno, que ocorrem antes e após o nascimento, confluem para composição do ambiente Holding que corresponde a um conjunto de cuidados maternos e psicológicos. Isto inclui a preocupação materna primária da mãe, que lhe possibilita fornecer ao bebê o suporte necessário ao desenvolvimento.

Winnicott, em seu artigo *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*, postula:

A mãe suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê), é aquela que faz uma adaptação ativa as necessidades do bebê, uma adaptação ativa que gradualmente, diminui de acordo com a crescente capacidade do bebê de suportar as falhas na adaptação e em tolerar os resultados da frustração. (WINNICOTT, 1975, p. 25).

Segundo Winnicott o bebê, ao olhar para o rosto da mãe, naturalmente, vê-se. É através desta relação mãe/bebê e dos cuidados maternos, que este irá se desenvolver de forma saudável. É imprescindível que ocorra o encontro entre seu potencial inato ao amadurecimento com o ambiente facilitador. Desta forma, o bebê vivencia sucessivas formas de estágios durante seu desenvolvimento emocional: estágio da dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. A passagem de um estágio ao outro é garantido pela relação de confiança entre mãe/bebê que de acordo com Winnicott,

a confiança do bebê na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu. Ao mesmo tempo, contudo, pode-se dizer que a separação é evitada pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e, contudo o que se acaba por se somar a uma vida cultural. (WINNICOTT, 1975, p.151).

Esta confiança é básica para o desenvolvimento do gesto espontâneo do bebê. A mãe permite a ilusão onipotente, instante primordial para o desenvolvimento de sua capacidade de ser criativo. Aos poucos, chega o momento em que a mãe começa a promover a desilusão. Winnicott coloca a experiência de desilusão como consequência da falha materna. Esta é necessária e importante para o desenvolvimento emocional saudável, desde que ocorra dentro do processo de maturação do bebê. Este processo tem início com o desmame e prossegue gradativamente para a transicionalidade.

Conclui-se que, na visão winnicottiana, o rosto materno, em sua expressividade afetiva, sustenta o olhar do bebê e o devolve a si mesmo. Sentir-se visto e reconhecido pelo olhar materno é para a criança a aprovação e confirmação de sua própria existência.

Diante do exposto, fica evidente que, nas concepções winicottiana e lacaniana, as noções de espelho e especularidade estão relacionadas à construção da subjetividade do humano.

Assim sendo, pretendemos realizar algumas considerações sobre as diferenças e aproximações entre ambos os autores. É importante destacar que esses teóricos falam da relação primordial no processo da constituição subjetiva do sujeito, fazendo uso da metáfora do espelho.

O que irá aproximar ou distinguir o texto de Lacan e o de Winnicott em relação à metáfora do espelho é não apenas a ênfase dada por Winnicott ao espelho humano, e o de Lacan ao espelho real, mas o destaque que Winnicott dá ao sentido do olhar e do cuidado do outro, e Lacan no sentido da imagem e do desejo do outro. Porém, em ambos, é possível afirmar que no pensamento desses teóricos é fundamental a presença de outro humano no processo da constituição subjetiva do bebê, tendo, este, uma dependência total em relação ao adulto cuidador.

Nas concepções de Winnicott, o uso da noção de espelho, enquanto metáfora nas primeiras funções do cuidador materno, a função ambiental é responsável por assegurar, manejar e apresentar objetos. Este situa o papel de espelho da mãe próxima da composição fusionada entre o indivíduo e o ambiente, em

um momento mais primitivo do desenvolvimento humano. Em Lacan, inicia-se mais tardiamente, prolonga-se dos seis meses aos dezoito meses, onde ocorre a primeira identificação, noção esta que ocupa um lugar privilegiado, e salienta o efeito produzido no indivíduo ao assumir uma imagem para si.

Há uma distinção, também, quanto à compreensão do que será o espelho e o que será a totalidade unificada. Lacan tem em mente um espelho concreto de vidro que produz uma imagem, mas ainda uma imagem fragmentada. Enquanto Winnicott propõe não como uma imagem ótica de um espelho concreto, mas em termos de um rosto humano, o rosto materno, no qual a criança se reconhecerá pela relação estabelecida com o olhar e com o rosto materno. Quanto à função especular, não estaria a serviço do Eu como fala Lacan, mas sim da integração do self, ou seja, da própria unidade de si. Para Winnicott, o self verdadeiro de cada indivíduo é chamado para a vida no olhar espelhado da mãe suficientemente boa.

O Espelho para Lacan é o local da alienação necessária, onde a criança reconhece sua imagem – muitas vezes, enquanto ouve as palavras – “olhe, é você” – em vez de olhar para dentro a fim de encontrar a identidade. Assim, o que emerge no estágio do espelho é o eu (moi). Em Winnicott, o componente especular na relação mãe/bebê está articulado à noção de transicionalidade, um território

intermediário entre o mundo interno e externo.

O período de tempo compreendido para o estágio do Espelho em Lacan é o mesmo abrangido pelo jogo da espátula descrito por Winnicott em 1941, onde isto ocorre entre os seis aos dezoito meses de vida, aproximadamente. Ambos são conotativos do período crítico na assunção da autoimagem e da condição unitária individual. Em Winnicott, corresponde ao estágio da dependência relativa, e em Lacan ao período de máxima operância do imaginário.

Face ao que fora explanado, é imprescindível destacar o papel do analista, por um lado enquanto espelho, por outro lado enquanto o Outro na clínica contemporânea. A partir do referencial teórico dos autores acima citados, abrem-se muitos caminhos para pensar o trabalho do analista à luz dos modelos concebidos, sobre a constituição subjetiva e aponta para reflexões possíveis acerca dos manejos clínicos mais adequados, diante das especificidades de cada indivíduo. Possibilitando assim, ao analisando se ver, abrindo espaço para uma existência com sentido próprio.

REFERÊNCIAS

BRUDER, M. C. R. *A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: a separação e seus impasses*. Dissertação de Mestrado (não-publicada) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GRANJA, Roberto B. *Lacan com Winnicott: espelhamento e subjetivação*: São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011.

GREEN, Andre. *Brincar e reflexões na obra de Winnicott: conferência memorial de Donald Winnicott*. São Paulo: Ed. Zagodoni, 2013.

LACAN, Jacques (1978). *O seminário: livro 2 – o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: V. Ribeiro. (Trad.), *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 1964/ Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.

D. Magno, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VIEIRA, Marcela Carolina. *Reflexos Possíveis: o olhar de Lacan e Winnicott para constituição subjetiva*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo 2010.

WINNICOTT, D.W. A Criatividade e suas Origens. In: WINNICOTT Donald W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D.W. A Mente e sua Relação com o Psicossoma (1949). In: WINNICOTT Donald W. *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

WINNICOTT, D.W. Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945). In: WINNICOTT Donald W. *Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

WINNICOTT, D.W. O Papel de Espelho da Mãe e da família no desenvolvimento Infantil”. In: WINNICOTT Donald W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D.W. Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. *In: WINNICOTT Donald W. O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D.W. Preocupação Materna Primária (1956). *In: WINNICOTT Donald W. Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro. Imago Editora, 2000.

ZIMERMAN. D.E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ANOREXIA E SINTOMA NA PSICANÁLISE¹

KYSSIA MARCELLE CALHEIROS SANTOS

Psicóloga e Mestra em Psicologia (UFAL). Atua no Serviço de Psicologia Aplicada da UFAL.

RESUMO

Frente à preocupação excessiva com o corpo magro e o aumento na incidência de casos de anorexia na contemporaneidade, este trabalho discute a relação entre anorexia e sintoma na psicanálise. O surgimento da

anorexia está relacionado com as experiências de cada sujeito e ela pode ser considerada um sintoma analítico, a partir do encontro entre analista e analisando.

¹ Este trabalho foi apresentado na Sexta de Psicanálise do GPAL em 2018.

Na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que há um culto ao corpo magro e uma preocupação excessiva com a alimentação, constata-se a emergência de sintomas alimentares. A anorexia é considerada um desses sintomas e denota um corpo que demonstra o excesso da magreza, que por si só já denuncia de qual patologia se trata.

Não há só o aumento da incidência de casos de anorexia na atualidade, como também o surgimento e propagação de movimentos pró-anorexia retratados nos meios virtuais. Nesses movimentos, a anorexia é exaltada e reverenciada, sendo concebida como estilo e modo de vida. Aparenta não ser vivida como sofrimento, como algo que faz questão para o sujeito e demanda um tratamento. Pelo contrário, há a exposição de inúmeras informações, dicas, muitos incentivos e compartilhamento de métodos que reportam ao emagrecimento extremo. Frente a isso, a anorexia seria uma tentativa mal-sucedida de se alcançar o corpo ideal contemporâneo? O corpo de um anoréxico é um corpo magro? A anorexia pode ser considerada sintoma analítico?

O termo anorexia, segundo Fernandes (2006), derivado do vocábulo grego “anorektos” (an+orektos) significa “sem desejo, sem apetite”. Apesar da associação entre anorexia e inapetência, Fernandes (2006), Lacan (1957/1995), Lasègue (1873/1998), Scazufca e Berlinck (2002) e Tfouni *et al.* (2011) consideram que na anorexia não há perda de apeti-

te. Trata-se de uma recusa alimentar. Recusar o alimento é diferente de não ter fome, de não ter apetite e disposição para se alimentar.

O estudo de Lasègue (1873/1998, p.164) é considerado um marco na história da anorexia enquanto patologia. Trouxe diversas contribuições e mesmo tendo se passado mais de um século da sua publicação, continua amplamente atual. O autor retrata a relação da anoréxica com os esforços da família e afirma que “o excesso de insistência evoca um excesso de resistência” (LASÈGUE, 1873/1998, p.164). As pessoas que estão ao redor do sujeito se envolvem com a situação e muitas vezes a anorexia se torna uma grande preocupação para a família. Entretanto, quanto mais a família insiste para que o sujeito se alimente, mais o sujeito resiste. Essa resistência evidencia a recusa e não a falta de apetite, como ocorre nos casos de melancólicos, cancerosos e tísicos.

Para Tfouni *et al.* (2011), o que persiste nesses casos é uma luta ativa contra fome. Elas afirmam que a recusa “[...] é o traço mais marcante da anorexia, ou ainda, é o que constitui a própria marca da anorexia” (TFOUNI *et al.*, 2011, p. 364). Com isso, há fome, há apetite,

mas o que persiste e demarca a anorexia é a recusa alimentar.

Lacan (1957/1995) ao conceber a anorexia enquanto recusa a partir da definição de “comer nada” diferentemente de “não comer”, trata da relação do sujeito com o Outro. Ele relata que “[...] a anorexia mental não é um não comer, mas um comer nada. Insisto: isso quer dizer comer nada. Nada é justamente algo que existe no plano do simbólico” (p. 188). E continua “esta ausência saboreada como tal, ela a emprega diante daquilo que tem a sua frente, a saber, a mãe, de quem depende. Graças a este nada, ela faz a mãe depender dela” (p. 188). Esta “ausência saboreada” corresponde ao nada, a justamente o que o sujeito com anorexia mental come. Este nada se interpõe na relação entre mãe e filho (a), provocando uma tentativa de interrupção nessa relação. O corpo cadavérico do anoréxico revela uma tentativa de separação entre o sujeito e o Outro sufocante.

A partir da perspectiva lacaniana, Fuks e Pollo (2010) afirmam que a anorexia é consequência da relação do sujeito com o Outro. A mãe, que se apresenta ao bebê a partir de uma onipotência incalculável, tenta preencher sua falta enchendo o bebê de alimento. Tendo em vista que o objeto *a* é causa de desejo, o nada é aquilo de que o sujeito inconscientemente se utiliza para tentar cavar essa falta no Outro e a sua própria falta, que constituirá o rumo de seu desejo. O nada como “objeto separador”

(RECALCATI, 2001, p.27) entre ela e a mãe, indica que o desejo está para além dessa relação. Assim, o sujeito consegue inverter a relação de onipotência materna. A partir desse nada, ele se torna onipotente e a sua mãe impotente, visto que tudo que ela lhe oferece é recusado.

O que o sujeito demanda ao Outro, segundo Greco (2012) na introdução da autobiografia *Todo o pão do mundo* (CLERQ, 2012), é que ele lhe dê a sua falta e não que ele lhe encha de alimento. Para Lacan (1958/1998), a mãe ao empanturrar a criança com a papinha sufocante, confunde seus cuidados com seu dom de amor, ou seja, confunde a necessidade com o amor. E “é a criança alimentada com mais amor que recusa o alimento e usa sua recusa como um desejo (anorexia mental)” (LACAN, 1958/1998, p. 634).

Nesse sentido, Greco (2012) colabora na análise dessa relação entre necessidade e amor, quando afirma que: “[...] o verdadeiro transtorno “alimentar” da anorexia: a fome de amor, que nenhum objeto ou substância – nem todo o pão do mundo – é capaz de saciar” (p. 12). Assim, o pão é o alimento em que

a mãe insiste, porém não é esse alimento de que o sujeito necessita, “*não é fome de pão, mas de um objeto não comestível, vindo de quem referência simbólica representa uma para o sujeito*” (GRECO, 2012, p. 5). O sujeito, através da recusa alimentar, busca o alimento necessário.

Apesar de o corpo magro ser almejado e tido como padrão de beleza, o corpo de um sujeito anoréxico é um corpo no qual os órgãos estão a definhando. É um corpo descarnado e esquelético, um corpo para além da magreza. E neste caso, um corpo diferente do ideal contemporâneo.

Silva (2007) realiza considerações importantes sobre o ideal do corpo magro e a anorexia, pois entende que esse ideal não é suficiente para o desencadeamento da anorexia: “*Não negamos os efeitos que o ideal de um corpo magro possa ter sobre o sujeito de uma forma geral, mas pensamos ser mais interessante nos perguntarmos por que alguns sujeitos desenvolvem anorexia e outros não, se todos estão, de alguma forma, sob o efeito dessas mensagens*” (p. 124).

Também nessa perspectiva, Fortes (2010) observa em relação à anorexia: “[...] a exigência do corpo magro tem ressonância com o ideal de magreza da atualidade, mas nesse quadro clínico ela assume dimensões macabras, pois passa a servir às forças mortíferas, atingindo a magreza o limiar de um cor-

po-cadáver que desafia o outro ao flertar com a morte” (p. 86).

Com isso, se todos pertencem à cultura contemporânea, certamente alguns estão mais propensos ao desenvolvimento da anorexia diante da sua própria história e condição de vida. A reverência e a idealização do corpo magro não são suficientes para que a anorexia surja na vida dos sujeitos. Não é porque um sujeito exalta a anorexia e socializa essa exaltação, que os demais desenvolverão a “patologia”. Entretanto, a exaltação pode contribuir para o surgimento da anorexia em um determinado sujeito, dada as experiências de vida que ele possui.

Para Freud (1917/1976), os sintomas são ricos em sentido e se entrelaçam com as experiências do sujeito. Deste modo pode-se afirmar que a anorexia no sujeito é constituída por diversos fatores que perpassam pela vida dele, por suas experiências, e essas são datadas culturalmente. A tentativa de conseguir o corpo ideal pode ser um dos aspectos que provoca o surgimento da anorexia, porém percebe-se que ele não é o único aspecto relevante. A anorexia está relacionada com a sin-

gularidade de cada caso, com as experiências de cada sujeito.

Em relação ao movimento pró-anorexia, não se tem como analisar se a anorexia é ou não é um sintoma, pois ele só pode ser considerado no “caso a caso”. Em outras palavras, é apenas no âmbito da clínica, quando o sujeito se dirige ao analista, que a anorexia pode se tornar um sintoma analítico.

Córdie (2000), Cosenza (2012) e Lima (2012) realizam contribuições sobre o tratamento psicanalítico do sujeito anoréxico. Eles relatam sobre a dificuldade do tratamento nesses casos, tendo em vista a ausência de demanda inicial. Segundo Besset *et al.* (2009) essa dificuldade é uma característica do modo como os sujeitos contemporâneos se apresentam na clínica. Diferentemente da época freudiana, não há a busca por um sentido sobre o sofrimento apresentado, de maneira que os sujeitos não formulam uma demanda inicial de tratamento.

Diante da preocupação e frente ao sofrimento, ao padecimento do corpo e a presença do mal-estar, a procura pelo tratamento é feita muitas vezes pelos familiares. O sujeito poderá recusar a necessidade do tratamento ou diante do próprio sofrimento, permitir o encontro com o analista.

Nesses casos em que não há uma demanda inicial do sujeito, Tizio (2009) propõe que “ajudar a construir um sintoma é muito importante em casos em que parece não haver

demanda” (p. 123). Não é porque houve uma mudança na maneira de o sujeito chegar à clínica que o analista não vai atendê-lo e tratá-lo. Os sujeitos quando buscam um outro, esperam que algo aconteça nesse encontro, de modo que a demanda poderá ser construída.

Viganò (2012) constata em casos de anoréxicas que “Ela não diz: ‘eu não consigo comer’, também não nos diz: ‘quando eu como não consigo parar’. Ela diz: ‘sou anoréxica’” (p. 215). A esse respeito, o autor afirma que na anorexia há uma vontade de realizar o controle absoluto sobre tudo. O sujeito procura um analista quando alguma coisa foge do seu controle.

É tanto que não há uma demanda inicial, pelo contrário, há uma afirmação da sua condição. O mesmo autor propõe que “é preciso esperar o sujeito que está atrás deste distúrbio alimentar. O analista é aquele [...] que fará com que antes ou depois o sujeito surja, é por isso que ele deve ser paciente” (VIGANÒ, 2012, p. 225). Ou seja, a demanda poderá surgir e ser construída a partir da relação transferencial do sujeito com o analista. Do mesmo modo Silva *et al.* (2010) propõem

que a posição e, mais especificamente, o desejo do analista na clínica da anorexia poderá conduzir o sujeito a um trabalho em relação a seu próprio desejo, já que o analista se mantém desejanste, sustentando uma falta.

A função do desejo do analista é possibilitar o surgimento do desejo do paciente, que até então se mantém velado em face da recusa alimentar. Essa função possibilitará a existência de um espaço para o surgimento do desejo da anoréxica. A anorexia pode se tornar um sintoma analítico, a depender da posição do sujeito no tratamento e da intervenção do analista. O sintoma analítico é formado durante o tratamento, a partir do momento em que o sujeito, ao questionar o seu sintoma, endereça esse questionamento ao analista. Assim, constitui-se a demanda analítica, e o tratamento se torna possível.

REFERÊNCIAS

- BESSET, Vera L. *et al.* Corpo e sintoma na experiência analítica. *In:* BESSET, Vera. L.; CARNEIRO, Henrique. F. (org.). *A soberania da clínica na psicopatologia cotidiana*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CLERQ, Fabiola. *Todo o pão do mundo*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- CORDIÉ, Anny. *Malaise chez l'enseignant. L'éducation confrontée à La psychanalyse*. Paris: Seuil, 2000.
- COSENZA, Domenico. *Anorexie*. Conferência (inédita). La Section Clinique de Rennes. Session 2011-2012. Qui fait-on du Symptôme? 14.01.2012. Institut du Champ Freudien. Association UFORCA - Rennes. France, 2012.
- FERNANDES, Maria Helena. *Transtornos Alimentares: anorexia e bulimia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- FORTES, Isabel. O corpo na clínica contemporânea e a anorexia mental. *In:* BIRMAN, Joel; FORTES, Isabel; PERELSON, Simone (org). *Um novo lance de dados: psicanálise e medicina na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2010.
- FREUD, Sigmund. (1917). Conferência XVII - O sentido dos sintomas. *In:* FREUD, S. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III)* (J. Salomão, Trad., Vol 16). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUKS, Betty; POLLO, Vera. Estudos psicanalíticos sobre anorexia: quando se come “nada”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(3), pp. 412-424, 2010.

GRECO, Musso. Todo o pão do mundo: crônica de uma separação. In: CLERCQ, F. *Todo o pão do mundo*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

LACAN, Jacques. (1957). O falo e a mãe insaciável. In: LACAN, J. *Seminário 4, a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LASÈGUE, Charles. (1873) Da anorexia histérica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1(3), pp. 158-171. 1998.

LIMA, Mônica A. C. (2012). Anorexia e melancolia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(2), pp. 251-264.

RECALCATI, Massimo. Os dois “nada” da anorexia. *Correio*, São Paulo, (32), pp. 26-36, 2001.

SCAZUFCA, Ana Cecília M.; BERLINCK, Manoel. T. Sobre o tratamento psicoterapêutico da anorexia e da bulimia. *Psicologia Clínica*, 14(1), pp. 115-129, 2002.

SILVA, Alinne. N. Da demanda ao desejo: a função da recusa na anorexia. *Psicanálise & Barroco em revista*, 10(1), pp. 121-134, 2007.

SILVA, Mariana. B. P. *et al.* The analyst's desire in the clinic of anorexia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(2), pp. 207-223, 2010.

TFOUNI, Leda. V. *et al.* Reflexões sobre a queixa muda da anoréxica. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 27(3), pp. 363-370, 2011.

TIZIO, H. Considerações sobre o sintoma. In: Besset, V. & Carneiro, H. (org). *A soberania da clínica na psicopatologia cotidiana*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

VIGANÒ, Carlo. *Novas conferências*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

O PAI EM WINNICOTT: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A FAMÍLIA NA ATUALIDADE¹

HELIANE DE ALMEIDA LINS LEITÃO

Psicóloga, doutora em Psicologia, professora da UFAL e membro do GPAL.

RESUMO

Considerando as necessidades da criança em cada momento do seu desenvolvimento, Winnicott descreve a relevância da presença e participação do pai na provisão ambiental suficientemente boa. Contribuições da sua teoria para a compreensão da família na atualidade são discutidas.

1 _____

Este artigo é parte do trabalho apresentado no Círculo Winnicott, Entorno 1, no CPPL (Recife-PE), em setembro/2019, intitulado “*E o pai?: considerações sobre a paternidade em Winnicott*”.

Winnicott é frequentemente criticado por sua ênfase na relação mãe-bebê, relegando ao pai um lugar apagado e secundário. Adam Phillips (1988) afirma que a importância do pai não é teoricamente elaborada por Winnicott, que tende a apresentá-lo como uma figura branda e quase sempre referido entre parênteses. De fato, para Winnicott, é no contexto da relação mãe-bebê que acontecem as experiências mais importantes do amadurecimento emocional. Suas principais contribuições teóricas, tais como os conceitos de criatividade primária, fenômenos transicionais, falso e verdadeiro self, tem suas bases no contexto dual da relação do bebê com sua mãe. Entretanto, são várias as considerações de Winnicott acerca da importância da presença e do envolvimento do pai desde os primeiros estágios do desenvolvimento.

O pensamento de Winnicott se distancia da tradição psicanalítica no que se refere ao papel do pai. Enquanto Freud e Klein atribuem papel decisivo ao pai no processo de separação entre a mãe e o bebê, Winnicott parece atribuir este processo a um trabalho realizado pela mãe e a criança somente. Segundo Phillips (1988), Winnicott não está interessado no pai que vem entre a mãe e a criança para separá-los, mas num espaço transicional do qual o pai é virtualmente ausente. Mas Winnicott não considerou a maternidade isoladamente no processo de individuação e constituição psíquica da criança. Seu conceito de

ambiente nos conduz a atentar para as influências do contexto dos cuidados maternos, o qual não supõe a mãe autossuficiente, mas inserida num ambiente relacional e social. O pai em Winnicott é primeiramente referido como parte do ambiente da mãe e participante, ainda que indiretamente, dos cuidados maternos.

Diferentemente de uma visão psicanalítica onde as fantasias e representações tem prevalência, as relações familiares são consideradas por Winnicott especialmente em termos de cuidados efetivos oferecidos por pessoas reais. O mais importante para ele, tanto no que se refere à mãe como ao pai, é a qualidade da presença, envolvimento e participação real na vida da criança.

O objetivo deste artigo é revisitar Winnicott, considerando o lugar e o papel atribuídos ao pai na sua teoria do desenvolvimento emocional. Busca-se, ainda, apontar possíveis contribuições do autor para a compreensão do lugar do pai na família contemporânea.

Winnicott pensa a família no contexto cultural de sua época, quase sempre se referindo ao modelo nuclear, onde o pai estabelece a principal relação com o mundo so-

cial, enquanto a mãe cuida dos filhos na esfera doméstica. Destaca-se, porém, que Winnicott viveu num momento histórico de grandes transformações sociais e familiares resultantes do pós-guerra, às quais ele dedica várias considerações.

Atento às mudanças culturais de seu tempo, ele nos instiga a empreender uma discussão acerca do pai nas configurações familiares contemporâneas. Afinal, como as mudanças na família atual afetam o que Winnicott denominou de “cuidados maternos”? Como os termos materno e paterno podem ser utilizados em referência ao que ocorre na família contemporânea?

O PAI NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

Winnicott apresenta uma perspectiva do desenvolvimento humano centrada nas necessidades do indivíduo em cada fase. Ele atribui ao ambiente o papel de prover as condições para a satisfação dessas necessidades, garantindo a atualização do potencial herdado. Considerando o pai enquanto elemento constituinte do ambiente da criança, destaca a relevância de sua

presença e participação em relação às necessidades infantis em cada fase do desenvolvimento emocional.

OS BEBÊS E SEUS PAIS: O PAI NA FASE DA DEPENDÊNCIA ABSOLUTA

O pai assume dois principais papéis na fase da dependência absoluta: o de dar sustentação à mãe, protegendo-a das interferências externas, de modo que ela possa dedicar-se integralmente ao bebê; e o de mãe substituta, oferecendo seu colo e dividindo com a mãe parte das tarefas inerentes aos cuidados iniciais.

Por sua condição de dependência absoluta, o recém-nascido necessita receber cuidados que Winnicott denominou cuidados **maternos**. Assim, o maternal vem antes que o paternal (WINNICOTT, 1945). O termo “maternal” aqui refere-se à qualidade dos cuidados oferecidos ao bebê para atender às suas necessidades. Os cuidados maternos compreendem a disponibilidade afetiva de uma pessoa (geralmente a mãe), que ao entrar num estado de identificação e empatia com o bebê, denominado preocupação materna primária, se torna capacitada para atender, de forma sintonizada, às necessidades do bebê. Assim, a mãe proporciona ao bebê a experiência da continuidade do ser e da ilusão de criar o objeto oferecido no ambiente (seio). Tais experiências são fundamentais

para os processos de integração e da experiência de si, com importantes repercussões para a vida emocional.

Nesta fase inicial são os processos que ocorrem no interior da relação dual entre a mãe e o bebê que são importantes. Entretanto, Winnicott supõe que a maternagem não ocorre isoladamente, mas apoiada no ambiente da mãe, do qual o pai faz parte, ampliando-se para o casal parental e a família. A maternagem suficientemente boa inclui a presença de ambos os pais, como se verifica no trecho abaixo:

[...] Isso inclui os pais, mas eles devem me permitir o uso da palavra “maternal” para descrever a atitude global em relação aos bebês e o cuidado a eles dispensado. O termo “paternal” tem, necessariamente, de chegar um pouco depois do termo “maternal”. Gradualmente, o pai torna-se um fator significativo enquanto homem. Depois vem a família, cuja base é a união de pais e mães, compartilhando a responsabilidade por aquilo que fizeram juntos, aquilo que chamamos de um novo ser humano – um bebê. (WINNICOTT, 1968, p.149-150).

Em consequência do estado de preocupação materna, a mãe, de certa forma, vivencia a vulnerabilidade do bebê e necessita de proteção e cuidados. Este apoio deve vir do pai da criança ou de outra pessoa próxima da mãe. O pai dá sustentação à mãe para que ela pos-

sa entrar no estado de preocupação materna primária, contribuindo com a maternagem suficientemente boa.

O pai também participa dos cuidados maternos de uma forma mais direta, como um substituto da mãe. Quando efetivamente envolvido na rotina do bebê, ele pode oferecer os cuidados maternos, embora mantendo a natureza dual da experiência vivenciada pelo bebê nessa fase:

A relação diádica inicial é aquela entre a criança e a mãe ou mãe substituta, antes que qualquer característica da mãe tenha-se diferenciado e moldado na imagem do pai. (WINNICOTT, 1958, p. 32).

Enquanto mãe substituta, a participação do pai pode ser compreendida como uma extensão da mãe, na medida em que não se insere como um terceiro elemento, mantendo a experiência relacional dual.

Mas, até que ponto o pai pode ser uma boa mãe substituta? Ao teorizar sobre o estado de preocupação materna primária, Winnicott se refere à mulher, em especial a mãe biológica. Embora afirmando que a mãe é a melhor pessoa para cuidar do

bebê (WINNICOTT, 1988), admite a maternagem paterna, embora na qualidade de substituta. Se a condição para a maternagem suficientemente boa é a identificação com o bebê, pode-se conjecturar que o pai (ou outra pessoa do ambiente próximo da criança) pode ser uma boa mãe substituta, se estiver afetivamente disponível para estabelecer uma relação especial com a criança, marcada pela sensibilidade, empatia e adaptação ativa e responsiva às suas necessidades.

Dias (2009) sugere que a capacidade do pai para o papel materno depende da experiência pessoal com seu “elemento feminino puro”³, remetendo às situações primitivas quando foi cuidado por sua mãe. A qualidade para a maternagem, para além de condições biológicas e de gênero, supõe a capacidade para uma profunda identificação com o bebê, estabelecendo uma experiência relacional de ser e de deixar ser.

O conceito de mãe substituta colabora com a noção de cuidados maternos compartilhados. O pai ou outra pessoa próxima da mãe pode participar eficientemente desse momento, colaborando ativamente com a maternagem suficientemente

boa. Esta é uma ideia importante para a compreensão da contribuição do pai nos cuidados iniciais e do cuidado parental compartilhado de forma mais igualitária, mais frequentes na atualidade.

O PAI NA FASE DA DEPENDÊNCIA RELATIVA

Nesta fase ocorre uma gradual transformação da relação mãe-bebê no sentido da separação da unidade inicial (fusão) e da constituição da identidade pessoal e unitária do bebê. Trata-se de um importante momento do desenvolvimento, marcado pelos processos de desadaptação materna, experiência da desilusão, desmame, individuação e separação da mãe.

Além de mãe substituta e sustentador da dupla mãe-bebê, agora o pai passa a desempenhar um papel mais distinto na vida da criança. Ele

3 _____
Para Winnicott (1971), o ‘elemento feminino puro’ está ligado à relação primária de fusão e continuidade com a mãe, na qual o objeto é o sujeito, estabelecendo a base da experiência de ser e continuar a ser. O elemento feminino, tanto em homens como em mulheres, está na base da capacidade de ser.

contribui com a gradual independência do bebê, respeitando seu ritmo e capacidade, ao tempo em que auxilia a mãe a retomar sua vida como pessoa adulta e inteira, ajudando-a a sair do estado de preocupação materna primária.

Nessa fase, Winnicott considera que o bebê começa a distinguir, nos cuidados da mãe, alguns aspectos que podem ser considerados ‘paternos’, tais como ordem, rigidez, inflexibilidade. Isso ocorre porque agora a mãe introduz mais intensamente e frequentemente a frustração e a oposição ao bebê, mostrando maior firmeza e disciplina, passando gradualmente de objeto subjetivamente concebido a objeto objetivamente percebido. Considerando a importância e delicadeza desse momento, Winnicott afirma que a mãe vai sendo duplicada:

É realmente um choque considerável para a criança ter que experimentar algo intermediário entre o uso da mãe enquanto objeto subjetivo, ou seja, enquanto um aspecto do self, e um objeto que não é o self e portanto se situa fora do controle onipotente. [...] A figura materna vai sendo duplicada. (WINNICOTT, 1966, p. 126).

Se o pai participa mais ativamente da vida da criança, ele aparece como uma das duplicações da figura materna. Atento às mudanças na vida familiar de seu tempo,

Winnicott aponta a riqueza da presença paterna:

O pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos cinquenta anos, tem havido nesse país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que eles eram, parece, décadas atrás. No entanto, isso interfere com outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (WINNICOTT, 1966, p. 126-7).

Winnicott (1945) argumenta que o pai é importante para ser odiado e sua presença contribui para a elaboração da ambivalência da criança, protegendo a mãe de seus impulsos agressivos. O autor deixa entrever aqui que a autoridade e disciplina maternas introduzidas na vida do bebê serão associadas com carac-

terísticas do pai ou que posteriormente serão atribuídas a ele. É importante destacar que, para Winnicott, a entrada do pai na vida da criança se dá a partir da relação dual. Como afirma Rosa (2009), a entrada do pai não é violenta ou traumática, mas ocorre como sustentação do processo maturacional que acontece na díade.

Além disso, ao final dessa fase, o pai pode contribuir com o processo de integração do bebê, oferecendo à criança a primeira configuração de pessoa total. Segundo Winnicott, o pai será “o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e da totalidade pessoal” (1969, p. 188), antecipando o indivíduo unitário que a criança vai chegar a ser. Ao considerar a possível ausência do pai no ambiente, Winnicott apresenta uma alternativa para o desenvolvimento, apoiado em outro relacionamento estável:

Se o pai não se encontra lá, o bebê tem de fazer o mesmo desenvolvimento, mas de modo mais árduo, ou utilizando algum outro relacionamento que seja bastante estável com uma pessoa total. (WINNICOTT, 1969, p. 188).

O PAI NO DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE SE PREOCUPAR

O amadurecimento e o gradual reconhecimento da mãe como outro, favorece no bebê a distinção entre eu e não-eu e os processos de

integração. O bebê alcança um *status* de unidade e experiencia a ambivalência de seus impulsos amorosos e hostis. Nessa fase o bebê necessita que a mãe sobreviva a seus impulsos agressivos e lhe ofereça oportunidade para a reparação e o gesto espontâneo. Quando a mãe é capaz de sustentar a agressividade do bebê, permite que se estabeleça um ‘ciclo benigno’, no qual ele desenvolve a capacidade de se preocupar com o outro (WINNICOTT, 1954).

Para Winnicott, a capacidade da preocupação pelo outro é, possivelmente, a mais importante aquisição do desenvolvimento emocional, na qual o pai tem uma importante contribuição. Por volta dessa época, o pai passa a ser reconhecido pela criança como uma terceira pessoa, distinta da mãe e dela própria, com quem começa a ter uma relação direta. A criança, buscando integrar sua impulsividade destrutiva, poderá contar com a proteção do pai para conter os seus excessos. A proteção que o pai oferece nesse momento não é a de interventor, mas a de por limites, oferecendo segurança e permitindo que a criança viva seus impulsos, aprendendo a controlá-los. O principal papel do pai é

proteger a mãe e ajudá-la a sobreviver aos ataques da criança, capacitando-a a sustentar a situação e esperar pela reparação através do ciclo benigno. As importantes repercussões desse processo são o alcance da capacidade para a preocupação, o desenvolvimento da moralidade verdadeira e da criatividade.

O PAI NO PERÍODO DAS RELAÇÕES TRIANGULARES

Nesta fase o campo das relações interpessoais se amplia para a triangularidade apresentando uma nova configuração da família. O pai é, agora, uma pessoa real que a criança conhece, com a qual convive e se relaciona diretamente.

A constatação da relação especial do casal parental oferece estabilidade emocional, mas pode produzir raiva, ciúme e ansiedade (WINNICOTT, 1988). As experiências anteriores e a capacidade para a preocupação pelo outro estabelecem a condição de solução para as tensões vivenciadas nessa fase, relacionadas à sexualidade e ao complexo edipiano. Para Winnicott, as experiências nessa fase incluem, mas não se resumem a questões da sexualidade. Elas dizem respeito à capacidade da criança de se relacionar enquanto ser humano com outros seres humanos. Além disso, a triangularidade abre para a complexidade e riqueza da experiên-

cia familiar e relacional mais ampla (WINNICOTT, 1988).

A presença real do pai é marcante enquanto homem, integrante da família e marido da mãe. O pai real pode ser protetor, tolerante, sedutor, inconsistente, violento, fraco, imaturo, etc. A forma como os conflitos infantis se desdobram nesse período estará apoiada nessa realidade ambiental e na resposta possível do pai às expressões dos impulsos e da ambivalência da criança. A interdição do pai ao desejo da criança nessa fase ajuda a criança a suportar a angústia de sua impotência e a preservar sua potência imatura (PLASTINO, 2014; ROSA, 2009).

Além de interventor, protetor e sustentador da vida familiar, o pai (e a mãe) tem aqui uma importante tarefa de ajudar a criança a discriminar entre fatos e fantasias (WINNICOTT, 1988). Pais emocionalmente maduros são capazes de respeitar e acompanhar as fantasias da criança, ao tempo em que lhe oferecem elementos da realidade para se apoiar, sem perder a capacidade da imaginação criativa.

O pai não é visto por Winnicott primeiramente como interditor

e aquele que introduz as normas sociais e morais. Para ser respeitado nesse lugar ele precisa ter tido uma presença real, amorosa e participativa mais cedo na vida dos filhos. O papel de autoridade do pai é precedido pela experiência anterior de acolhimento amoroso e não repressivo.

E O PAI NA ATUALIDADE?

Qual a relevância das considerações de Winnicott sobre a paternidade no âmbito da família nuclear tradicional, quando nos deparamos com novas formas de organização familiar, tais como cuidado parental igualitário, famílias monoparentais, homoafetivas, reconstituídas a partir de várias uniões, etc?

Winnicott oferece uma versão da psicanálise mais equilibrada em termos da dicotomia entre os polos paterno e materno. Ao destacar que o pai é esteio da autoridade materna (WINNICOTT, 1945), ele reconhece a possibilidade da autoridade parental compartilhada. Ao afirmar que o pai pode ser mãe substituta e desempenhar cuidados maternos, ele permite relativizar a ligação da maternagem com a figura da mulher e mãe biológica. Tais ideias, avançadas para sua época, sugerem a interligação e sobreposição entre maternidade e paternidade, relevante para a compreensão das experiências de parentalidade

compartilhada de forma igualitária, mais frequentes na família atual. Além disso, permitem pensar os termos materno e paterno em referência às necessidades da criança, e não necessariamente associados às figuras da mãe/mulher ou pai/homem.

Ao considerar o pai, Winnicott está se referindo à pessoa que está no ambiente próximo da díade mãe-bebê, estabelecendo com ela uma relação de cuidado e responsabilidade. Tal ideia pode ser ampliada para considerar a presença de alguém afetivamente implicado com a criança e que se dispõe a prover o ambiente necessário para atender suas necessidades. Ao afirmar que o pai é o primeiro diagrama de pessoa inteira na experiência da criança, Winnicott (1969) está tomando como modelo a família nuclear, para a qual existem exceções. Ele, então, pondera que se o pai não estiver presente, a criança pode lançar mão de outro objeto disponível no ambiente para ajudá-la em seus processos de integração.

Essas ideias de Winnicott são relevantes para pensar as possibilidades de exercício da parentalidade em diferentes configurações fami-

liares, contribuindo com a compreensão de suas repercussões para a escuta clínica.

Com Winnicott aprendemos que o mais importante no desenvolvimento humano é que a provisão ambiental seja suficientemente boa para garantir a atualização do potencial herdado. É necessário que seres humanos se encarreguem da tarefa de oferecer cuidados sintonizados com as necessidades da criança em cada fase de seu desenvolvimento. É a partir de uma disposição afetiva, empatia e identificação com a criança que estes cuidados podem ser efetivamente oferecidos.

REFERÊNCIAS

- PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Londres: Fontana Press, 1988.
- PLASTINO, Carlos A. *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ROSA, Claudia D. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana* 11(2), pp. 55-96, 2009.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- WINNICOTT, Donald W. (1945). E o pai? In: WINNICOTT, Donald W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, pp. 127-133.
- WINNICOTT, Donald W. (1954). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: WINNICOTT, Donald W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 355-373.
- WINNICOTT, Donald W. (1958). A capacidade para estar só. In: WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp. 31-37.
- WINNICOTT, Donald W. (1966). A criança no grupo familiar. In: WINNICOTT, Donald W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp.123-136.
- WINNICOTT, Donald W. (1968). A imaturidade do adolescente. In: WINNICOTT, Donald W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp.149-150.
- WINNICOTT, Donald W. (1969). O uso de um objeto no contexto de

Moisés e o monoteísmo. *In*: WINNICOTT, Claire; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (org.). *Explorações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, pp. 187-191.

WINNICOTT, Donald W. (1971). A criatividade e suas origens. *In*: WINNICOTT Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 95-120.

WINNICOTT, Donald W. (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SUJEITO DO DESEJO: SER DO TEMPO, FEI- TO DE SENTIDO¹

ESPERIDIÃO BARBOSA NETO

Professor da Universidade Federal de Alagoas; Doutor em Psicologia Clínica;
Especialista em Filosofia política, Psicologia Social e Psicopedagogia;
experiência em clínica e supervisão de estágio.

RESUMO

o sujeito do desejo pode ser pensado em duas dimensões, Chronos e Kairós. Ele se constitui enquanto efeito do tempo, mas, principalmente, pelo seu fazer no tempo. Nosso objetivo é articular sujeito, tempo e sentido, a partir de uma referência psicanalítica,

com ilustrações de fragmento da clínica e da literatura. Abordaremos sobre o Sujeito do desejo, Tempo e Sentido. Conclui-se que entre Chronos e Kairós, um sem o outro é fragmento.

¹ _____
Apresentado na
9^a Bienal Interna-
cional do Livro de
Alagoas, Maceió,
novembro de 2019.

INTRODUÇÃO

Há mais de cem anos uma mulher procurou a análise porque sofria de pânico, não suportava entrar em lojas sozinha. Durante o tratamento recordou uma cena infantil, justificativa do sintoma atual (FREUD, 1895). Em nossa época *Errebê*, um homem com mais de 50 anos, amou Marina quando ela tinha 18. Havia feito o mesmo com Helena, a mãe dela (sua ex-mulher, já morta) com outro homem, nessa idade. O tempo, para ele, não passa; amou ambas em uma só (ARAÚJO, 2019).

A clínica reflete o cotidiano (aqui representado pela literatura). O sujeito pensa o tempo do relógio, dele podendo se tornar escravo, mas paga um preço por ignorar suas falsas conexões e uma outra temporalidade. Neste trabalho, um fragmento clínico e exemplo do cotidiano ilustram a condição do sujeito frente às perspicácias do tempo. O objetivo é destacar o ser de desejo articulado ao tempo e sentido, no campo da subjetividade, a partir de uma referência psicanalítica. Apresentaremos o sujeito como *ser de desejo, do tempo e do sentido*. Guiado pela ideia de tempo segundo *Chronos* e *Kairós*, observamos que o sentido se produz pela elaboração do sujeito, considerando ambas as dimensões. Uma sem a outra é fragmento; o sujeito se constitui enquanto efeito do tempo e seu fazer sobre ele.

SER DE DESEJO E DE LINGUAGEM

O homem é ser de desejo, feito de linguagem; outras espécies se reduzem a necessidades. Imerso no mundo falado, desde o princípio, tem todas as condições para se tornar humano, mas para isso precisa passar por efeito dos primeiros traumas. Impactado por esses (trauma inaugural e civilizatório) e tendo superado-os, é capaz de simbolizar. Trauma e operação simbólica são marcas do humano.

A presença do Outro materno (e simbólico), de início, é traumatizante; isto é, o Simbólico se apresenta com efeito de Real. Essa experiência inaugural arrebatada o vivente do puramente instintivo e o põe em estado de tendência a voltar à condição anterior, a do gozo pleno. Superando-se, torna-se objeto do desejo da mãe, ambos se fundem pela alienação. No segundo trauma, o civilizatório, a figura do pai os separa. Consolida-se o desejo, pelo qual o sujeito passa a operar o simbólico e buscar, por toda a vida, o encontro desse amor irrecuperável (VORCARO, 1997).

O desejo se manifesta em todas as realizações humanas, inconscientemente. Implica o campo do amor e do ódio; um ou outro, um e outro. Aparece sutil ou abruptamente, muitas vezes de forma silenciosa (equívoco, negação, não-querer), incontavelmente ou sob limites do superego. O desejo é indestrutível, não cessa. Errebê, no romance *A flor selvagem do tempo* (ARAÚJO, 2019, p. 73), “destruído” pelos caprichos do tempo, viu-se “atolado nas águas paradas do desejo”.

Segundo Barbosa Neto (2019), o Simbólico, de início, assedia, coage o vivente à condição humana. Pensemos a linguagem de modo simples, a partir da tecnologia. A rede mundial de computadores inclui todos do planeta, sem exceção, uma espécie de teia da qual não se escapa. Direta ou indiretamente cada indivíduo está conectado ao sistema; ele se expõe por iniciativa própria ou involuntariamente: imagens, textos, informações, independente de escolhas ou nível de compreensão. Somos parte da rede por interesse, necessidade ou, no mínimo, razões inevitáveis. Nada é dissipado, há um registro subjetivo ainda que se o negue do ponto de vista da consciência, nele conexões proliferantes da história individual, dos antepassados. A linguagem é isso, um jogo combinatório de elementos (sentido das coisas do mundo) que opera de maneira pré-subjetiva – antes do sujeito e, no sujeito constituído, de modo inconsciente. Nele as palavras têm sempre mais sentido do que aquele pen-

sado ao se dizer. Isto é, antes de existir o sujeito já se encontra presente na linguagem, porque é falado pelos outros, levado em conta. São fatores biológicos, sociais, antropológicos, culturais, mitológicos, psíquicos etc. que atuam, considerando-se a ancestralidade. Lacan (1964, p. 28) afirma: “antes mesmo que se inscrevam as experiências coletivas que só são relacionáveis com as necessidades sociais, algo organiza esse campo, nele inscrevendo as linhas de forças iniciais”. Na mesma página, completa: “antes ainda que se estabeleçam relações e que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas”. O desejo, portanto, é desejo do Outro.

A linguagem permeia toda a realidade, inclusive como representação cultural que dá sentido à existência. O *infans*, a princípio, vai incorporando, de modo involuntário, o sentido construído filogeneticamente. O humano se constitui na medida em que ele se apropria dessa linguagem, somente assim faz representar a pulsão dispersa. O que determina a constituição do sujeito encontra-se, sobretudo, no não-dito ou negação. Escreveu Merleau-Ponty (2018, p. 251):

Se por acaso acontece que uma criança testemunhe uma cena sexual, ela pode compreendê-la sem ter a experiência do desejo e das atitudes corporais que o traduzem, mas a cena sexual será apenas um espetáculo insólito e inquietante, ela não terá sentido se a criança ainda não atingiu o grau de maturidade sexual em que esse comportamento se torna possível para ela.

Emma, a paciente que sofria de pânico (FREUD, 1895), recordou um fato ocorrido aos 12 anos, apavorou-se. O tempo do inconsciente poupou-lhe da compreensão, relacionada a outro acontecimento anterior, antes da sua puberdade.

TEMPO

Khronos, na mitologia grega, foi deus do tempo. Segundo uma profecia, ele haveria de ser destronado pelo próprio filho. Sabendo disso, “gerou e, sucessivamente, engoliu três filhas e dois filhos” (GRIMAL, 1983, p. 29-30). Ele abortava o futuro para controlar o tempo e manter seu poder, violentamente. Chronos se relaciona a um tempo linear, mensurado com rigor, implacável a ponto de não se abalar diante de apelos. O mercado inveja Chronos. No final do Século passado um fabricante de lâmpadas destruiu certo lote de sua produção. Por equívoco, as unidades teriam o dobro de vida útil, pondo-as no mercado usuários levariam mais tempo para vol-

tar a adquiri-las. Identicamente, produtores de leite têm lançado milhares de litros às águas do rio para controlar preços.

A tecnologia da nossa época eleva a qualidade de vida, por outro lado, o deus do tempo se manifesta pelo viés mercadológico. Somos aprisionados pelo compasso do relógio; a velocidade das coisas também apressa a proliferação de sintomas e o sujeito exige rapidez de cura: dietas milagrosas, consumismo medicamentoso, ideia de extirpação de todo mal-estar e angústia do viver. Há um não saber lidar com a espera, busca de tratamento livre de sofrimento e esforço. O sujeito se isenta da responsabilidade sobre o próprio destino ao se omitir de trabalhar o desejo, atribuindo sua cura a outros. Embora não de modo massificado e impulsionado por fatores mercadológicos, alguns pacientes de Freud (1913, p. 169) assim já se manifestavam: “quanto tempo durará o tratamento? De quanto tempo o senhor precisará para aliviar-me de meu problema?”.

A passividade sem limites, diante do Chronos implacável, é arriscada. Neste caso, o tempo pode aparecer como um redemoinho incontrolável

(“diabo de poeira”). Estilhaços da experiência traumática, aparentemente dissipados ou perdidos no esquecimento, surpreendem o sujeito, cujo inconsciente é atemporal:

No Id não existe nada que corresponda a idéia (sic) de tempo; não há reconhecimento de passagem do tempo [...]. Impulsos plenos de desejo, que jamais passaram além do Id, e também impressões, que foram mergulhadas no Id pelas repressões [recalques], são virtualmente imortais, depois de passarem décadas, comportam-se como se tivessem ocorrido há pouco. (FREUD, 1932, p. 95).

Afetos sem representação, enquanto fora da consciência, subvertem a lógica do tempo, criam novas conexões, associam-se a outras situações históricas do sujeito e produzem sintomas que desnorteiam a direção da causa traumática. Na cena dos 12 anos Emma entrou numa loja, dois vendedores riram de suas roupas, ela saiu correndo. Depois se deu conta do estranho sentimento de atração sexual por um deles. Errebê, angustiado, lembrava-se do vestido verde com o qual sua esposa havia lhe deixado há décadas. A lembrança de uma coisa faz esquecer de outra. Emma, atrapalhada com a passagem do tempo, é protegida pelo recalque; Errebê, enganado de modo idêntico, a princípio, delira ao destruir aquela que ainda em flor é engolida. Ambos pagam, cada um, seu preço.

O inconsciente desorganiza as peças no tempo, e o sujeito, marcado por *chronos*, embaralha-se: “o que o tempo fez comigo!”. Resta unir as peças fragmentadas no e pelo tempo, até que uma nova ordem o reconstitua.

O SENTIDO

Chronos não foi capaz de controlar o futuro. Ele perdeu o trono, enquanto *Kairós*, um dos seus descendentes, se fez, também, deus do tempo, mas um tempo de outra ordem. Trata-se do momento oportuno cuja qualidade não se dá à mensuração ou controle; dizemos nós, tempo do sujeito. Arantes (2015, p. 2) apurou que “*Kairós era visto na inteligência de Atena, no amor de Eros e no vinho de Dionísio*”. É um tempo específico e singular que “*simboliza o melhor instante presente [...] em que se consegue afastar o caos e abraçar a felicidade*”.

Cronos engana. A cena dos 12 anos de Emma, e seu sentimento, não elucidaram o trauma, observou Freud (1895); para ele “as lembranças evocadas não explicam nem o caráter compulsivo nem a de-

terminação do sintoma” (p. 465). Por outro lado, Chronos e Kairós não são termos que se opõem, simplesmente. O primeiro faz parte do nosso mundo, encontra-se na linguagem da qual é feito o sujeito; ele destrói mas também organiza, dá sentido enquanto Kairós flexibiliza Chronos. As recomendações freudianas, ainda em vigor, são bem claras: “*a cada paciente é atribuída uma hora específica de meu dia de trabalho disponível; pertence a ele que é responsável por ela, mesmo que não faça uso da mesma*” (FREUD, 1913, p. 168).

O método psicanalítico visa pôr o sujeito em situação possível ao tempo do inconsciente, lugar do imensurável e fugaz. A elaboração sobre os conteúdos inconscientes é no sentido de simbolizar a experiência traumática. Simbolizar, no sentido grego, quer dizer unir fragmentos em função de uma unidade; constrói-se o sentido a partir do fragmentado pelo trauma. Pensamos o “*entre*” Chronos e Kairós, nele o que se fragmentou e o que foi simbolizado, é aí que o sentido se produz. Chronos, na medida adequada, represa o disperso (pulsão não representada), abrandando-o para que se opere alguma amarração capaz de sentido (à existência): “*estamos feitos desse ato x pelo qual o nó já está feito*” (LACAN, 1975, p. 153). De outro modo, o tempo que corre sem limites é pura intensidade, sem sentido, como se queixa o Conde Drácula, do filme *Nosferatu* (MURNAU, 1922): “*o tempo é um abismo, profundo como mil noites. Séculos vêm e vão*

e não poder envelhecer é um terror. Isto não é o pior. Há coisas piores que isso. Pode imaginar passar por séculos e todos os dias viver a mesma futilidade?”.

O tempo é um só, seus pedaços compõem a temporalidade. O que muda é o movimento, não o tempo, segundo a ideia aristotélica: “*rápido é o que é movido muito em pouco tempo e lento o que é movido pouco em muito tempo*”. (ARISTÓTELES, citado por VERGEZ & HUISMAN, 1976, p. 51). Para Kierkegaard (1844) o tempo é uma síntese de todos os momentos: “*todo e qualquer momento é processo [...] nenhum momento é presente. [...] Não há no tempo nem um presente, nem passado, nem futuro*” (p. 93). Há o *instante*, um agora expandido, passagem que não passa porque abole-se a ideia de sucessão. O instante contém todos os possíveis, revelação de um possível que dá lugar a outros que irão surgindo. Na psicanálise, muitas vezes, o sujeito precisa dar dois passos para trás na esperança de um à frente, tempos de Chronos e Kairós. Fuks (2000) investigou sobre o sentido do verbo ser em hebraico, ele não é conjugado no presente. O sujeito, como passagem,

está sendo em função de um devir, quebra do modelo de ser idêntico; há trabalho e tempo que nunca se cumprem. O sujeito é estrangeiro dele mesmo: “*experimentalizar o exílio analítico [...] permite ao sujeito buscar, pela palavra, uma designação para aquilo que, vindo de fora, está nele mesmo, embora lhe seja estranho*” (p. 76).

O sujeito é ser do tempo, feito de sentido, ambos tomados a partir da linguagem. Esta representada pelo Outro materno, onde o sentido não está dado mas o sujeito tem as ferramentas para construí-lo, questão essa ligada ao tempo. O movimento do sujeito é em função de elaborar a experiência traumática a partir dos elementos da linguagem, primeiro na relação com o Outro (materno), depois com o Outro dele mesmo (Outro inconsciente).

O tempo é aliado da palavra que institui o sujeito. O Outro nomeia, inclusive o corpo, subjetivando-o: “*A palavra traz o sentido e, impondo-o ao objeto, tenho consciência de atingi-lo. [...] o objeto só é conhecido quando nomeado, [...] nomear o objeto é fazê-lo existir ou modificá-lo: Deus cria os seres nomeando-os [...], a criança aprende a conhecer os objetos através das designações da linguagem*” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 242). Emma se deu ao trabalho psíquico, considerando-se os tempos da fala, da escuta e do inconsciente. Pela palavra Chronos organiza, põe em condições para que Kairós, no tempo oportuno, possibilite o sentido. A fala, nesse

contexto, faz representar afetos não representados, ressignificando a experiência traumática. Na análise, a investigação levou à reconstrução de um fato ocorrido quando Emma tinha oito anos, foi comprar doces na confeitaria, “*o proprietário agarrou-lhe nas partes genitais por cima da roupa*” (FREUD, 1895, p. 465). A experiência traumática vivida de modo passivo é ressignificada, posteriormente, de modo ativo, demonstrou Freud (1920) no seu estudo “Fort-dá”.

Errebê, por outro lado, mantém a flor do tempo da juventude ilusoriamente. À medida que uma pétala da flor do tempo cai (Helena), outra a substitui (Marina), como se não houvesse perda. Até que, por fim, diz ele, cai “*a última pétala da flor selvagem do meu tempo*” (ARAÚJO, 2019, p. 301). O tempo fez, Errebê não fez no tempo. Isso tem um preço. Contudo, há sempre a possibilidade de reconhecer a si mesmo dentro do tempo, considerando as perdas e os ganhos, condição pela qual se pode dar sentido à existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido se produz entre Chronos e Kairós. A força do primeiro é implacável, o labor do segundo, no tempo certo, transforma. Chronos, a partir do exterior, faz; Kairós, oriundo do sujeito, refaz, dá sentido à existência. De um lado o acontecimento traumatizador incide no sujeito impotente (passivo); do outro, na sequência, a força do trabalho psíquico (ativo) ressignifica a experiência. Isto é, um tempo (Chronos) faz o seu papel, o outro (Kairós) reelabora a experiência traumática, no tempo do inconsciente. O sujeito é constituído pelos dois tempos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, P. C. Cronos e Kairos. *Revista Pandora Brasil*, n° 69, 2015.
- ARAÚJO, R. *A flor selvagem do tempo*. São Paulo: Europa, 2019.
- BARBOSA NETO, E. Assédio do simbólico: o trauma necessário à constituição do sujeito. Trabalho apresentado no XXIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e III Jornada do Círculo Psicanalítico do Pará, Belém - PA, 2019.
- FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio de prazer. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund (1932). Personalidade psíquica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FREUD, Sigmund. (1913). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FUKS, B. F. *Freud e a judeidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GRIMAL, P. *A mitologia grega*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KIERKEGAARD, S. (1844). *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

LACAN, J. (1964). *O seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1975). *Seminaire 1974-75*. Paris: Éditions L'Association Freudienne Internationale. Publication hors commerce (referente ao seminário 22), 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

NOSFERATU – O vampiro da noite. Direção de F. W. Murnau. Alemanha: Overture, 1979.

VERGEZ, A; HUISMAN, D. *História dos filósofos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976.

VORCARO, A. M. R. *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2019
Publicado originalmente em novembro
de de 2019 em www.gpal.com.br

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

